

REINVENTAR O DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA¹

Deusdedith Brasil (*)

O tema mais comentado pelos leitores da "Folha de São Paulo" foi a Amazônia (Opinião A3 - Painel do Leitor). Todos os comentários, entretanto, trabalharam com premissas inteiramente ineficazes para o seu desenvolvimento ecoeficiente. Não li alguém dizendo: é necessário reinventar o seu modelo de desenvolvimento. Há mais de quinhentos anos o crescimento é pedratório. Não posso denominar desenvolvimento a um crescimento de destruição. O que mais surpreende é que no Planeta Terra o único animal que a destrói é o que usa da razão. Os demais são capazes – sem o poder da razão – de manter em condições humanas a nossa única morada.

O Governo não vê problema na Amazônia. Usa-a como reserva de valor. Problemas preocupantes tem o Nordeste. Somente quando os estrangeiros dizem que os brasileiros não têm competência para administrar a Amazônia é que o Presidente Lula comparece para dizer "nós somos os donos". Não age, porém, em busca de reinventar o seu desenvolvimento.

As instituições financeiras públicas federais concedem crédito em razão da demanda. As atividades financiadas são as mesmas. Não instigam os que demandam crédito a exercerem atividades que não destruam os recursos naturais. Não sabem dizer o que melhor funciona para o seu desenvolvimento. Não têm capacidade para ser diferente. A ação de conceder crédito não objetiva ser diferente. É a mesmice há mais de 50 anos.

Por que não considera o ecossistema como um ativo importantíssimo? Por que os créditos concedidos não valorizam a natureza? Por que não assegurar o desenvolvimento do conhecimento humano para propiciar criação de um sistema produtivo mais competitivo, mas construído com responsabilidade ecológica?

Há necessidade de pensar o futuro para as atuais e as próximas gerações. Pensar o futuro é pensar diferente. Não há outro caminho senão um sistema que valorize a natureza e evite a sua destruição dia-a-dia. Não é razoável admitir o desmatamento até 2015 de 10 mil km² anuais. A política ambiental do Governo é ambígua. Quer manter 80% da floresta amazônica, mas não indica o caminho desse objetivo, mesmo porque se não sabe onde está não pode encontrar aonde quer ir.

¹ Sobre o artigo:

Artigo publicado no jornal "O Liberal", na tiragem de 12.06.2008

O seu conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais

Publicado no site www.deusdedithbrasil.adv.br

Parodiando Oscar Motomura posso afirmar que o Governo não disse como assegurar que a evolução do conhecimento humano seja aplicada na forma nobre na criação de soluções ganha-ganha (para todos os segmentos da sociedade e para própria natureza)? Como criar novos empreendimentos mais sistêmicos, construtivos e ecologicamente responsáveis – e ao mesmo tempo mais “competitivos” do que as empresas tradicionais (mais fragmentadas e menos produtivas do ponto de vista sistêmico)? Como criar uma economia em que se use cada vez menos materiais e energia ao produzir produtos cada vez mais eficazes e acessíveis? Como potencializar o valor dos produtos/serviços por unidade de recurso natural aplicado?

Paulo Hawken, Amory Lovins e L. Hunter Lovins, no prefácio da obra “Capitalismo Natural” do qual são autores, e que Fritjof Capra, Ph.D., físico e teórico de sistemas, além de diretor fundador do Centro de Eco-alfabetização de Berkeley, denominou “Um marco no caminho da sustentabilidade ecológica”, registram que “nós vivemos até agora na suposição de que o que era bom para nós era bom para o mundo. Foi um engano. Precisamos alterar a nossa existência de modo que seja possível viver a convicção contrária, de que o que é bom para o mundo há de ser bom para nós. E isso exige que nos esforcemos para conhecer o mundo e apreender o que é bom para ele. Temos de aprender a colaborar com os seus processos e compreender os seus limites.” Reinventar é preciso. Conhecer a Amazônia é preciso. Saber o que é bom para ela é preciso. É indispensável criar – e fazer acontecer – na Região uma Universidade voltada exclusivamente para pesquisa e estudo de sua biodiversidade. Fora disso é só discurso de palanque.